ISSN 2525-6904



ENSAIO

# “A gente grava, depois tira foto!”

## percursos teóricos-metodológicos com homens cis nos mercados do sexo online

Jônatas Stritar Alaman, *Universidade Federal de Santa Catarina*

Resumo.O presente ensaio é formado por notas teórico metodológicas de observações feitas em ambientes digitais convergentes com práticas contemporâneas de exercício do trabalho sexual, levados a cabo por homens cisgêneros. Meu intuito é apresentar os caminhos percorridos quando buscava compreender os usos e estratégias destes homens nos mercados do sexo contemporaneamente. Apresento, assim, reflexões de meus diários de campo que versam sobre a presença destes sujeitos em redes sociais e sites de acompanhante e a maneira como se utilizam desses mediadores digitais. Procuro, então, lançar luz sobre as intersecções possíveis entre tais fenômenos e as tensões políticas consequentes dos processos de acomodação dos mercados do sexo aos meios digitais atualmente.

Palavras-Chave: Mercados do sexo online. Homens cisgêneros. Etnografia digital. Políticas de diferenciação.

## Introdução

As notas etnográficas apresentadas nas páginas seguintes são resultados de afetações teórico-metodológicas de minha pesquisa de mestrado em ambientes digitais convergentes com práticas contemporâneas de exercício do trabalho sexual, levados a cabo por homens cisgêneros (Jônatas Alaman, 2023)[1]. Nesta pesquisa, tive a curiosidade em entender como o espaço das redes sociais e a lógica interacional da internet influenciam práticas que envolvem a comercialização, ou veiculação erótica, do sexo atualmente.

Tendo um histórico de pesquisas relacionados ao exercício da prostituição masculina (Alaman, Guilherme Passamani, 2021; Alaman, Passamani e Marcelo Rosa, 2022), o espaço que a internet ocupava neste campo de pesquisa ainda pareciam incipientes se considerarmos o avanço exponencial de plataformas e a disseminação cada vez mais mainstream de ‘novas’ possibilidades de se exercer o trabalho sexual. O uso de sites e aplicativos, em certa medida, vem recebendo a moderada atenção dentre discussões que enlaçam sexo, desejo, aplicativos e dinheiro (Victor Barreto, 2017, 2019; José Jesus, 2021; Thiago Oliveira, 2016; Richard Miskolci, 2013). Entretanto, questões que antes pareciam estar inscritas no campo ‘territorial’ (Néstor Perlongher, 1987; Barreto, 2017; Renato Santos, 2019), foram transpostas a um entrelaçado de ambientes que, ao meu ver, devem dizer respeito a outra ordem de questões contemporâneas que envolvem o trabalho sexual exercido por homens cis.

Nesse sentido, minhas observações me impeliram a perambular (Débora Leitão e Laura Gomes, 2017) pelas fronteiras entre distintos ambientes digitais, estabelecendo conexões entre presenças e ausências que dizem respeito a políticas contemporâneas que pincelam outras

[1] Como necessidade de delimitar melhor o meu campo, descrevo a congruência de meus interlocutores com o gênero atribuído em seus nascimentos, mesmo considerando que a realidade social e o exercício do trabalho sexual masculino, aqui pensando especificamente na prostituição masculina, ser mais complexa, como observada em outros lugares (Alaman, Passamani, 2021). Entretanto, para além de uma postura ética em não partir de uma cisgeneridade universalizante que não é marcada, faço emergir a categoria cis em um campo fortemente ditado por uma masculinidade hegemônica (Raewyn Connell, James Messerschmitt, 2013) que, em maior ou menor grau, gira em torno de um falocentrismo homoerotizado. Para mais discussões sobre experiências de homens transmasculinos nos mercados do sexo, ver Shay Rodriguez (2021) e Leonardo Tenório (2022).

possibilidades para o exercício do trabalho sexual exercido por homens cisgêneros. A ideia corrente de que a internet expandiu possibilidades de exercício do trabalho sexual, principalmente para pessoas mais jovens[2], me lançou em fronteiras que, com o avanço de plataformas digitais (Lorena Caminhas, 2018, 2020a, 2020b), em um movimento tensionador, são marcadas mais fortemente, mas também borradas. Essas brechas entre distintas atividades,- como o serviço de acompanhante, a pornografia e a produção de conteúdo erótico digital -, além de estabelecer políticas de diferenciações entre alguns atores aí envolvidos, também multiplicam os referenciais, por vezes não-normativos, de um mercado do sexo que encontrou, ao meu ver, suas bases mais prolíficas.

Estou de acordo com as formulações de Adriana Piscitelli (2016) quando afirma que a noção de mercados do sexo remete a duas questões: o fenômeno da prostituição não se acomodando aos termos de "indústria" e a referência à atividade de prostituição sendo comumentente reducionista das diferentes interações que se estabelecem em intercâmbios sexuais e comerciais que não são percebidas por essa alcunha. O "mercado", então, de mercados do sexo, amplia a noção de produção/consumo características deste termo e

> remete ao vasto terreno dos intercâmbios materiais e simbólicos mediante os quais se organiza o social. Essa ideia alargada de mercado contribui para considerar que os mercados do sexo envolvem não apenas intercâmbios caracterizados como “comércio”, mas também outras trocas que não são assim concebidas e podem, até ser pensadas como dádivas (Ibid., p. 4).

É importante destacar, entretanto, que as divergências com relação às aproximações ao ‘sexo’ por parte de meus interlocutores podem dar o tom para o estágio atual destes fenômenos que o envolvem com o dinheiro. Os distanciamentos referentes às práticas que possibilitam o contato físico com clientes reforçam fronteiras entre sujeitos e atividades e estabelecem hierarquias difíceis de serem conceitualizadas e circundadas, como a noção de mercados do sexo pode vir a propor.

---

[2] “Only Fans’ aproxima milhares de jovens da prostituição na América Latina”. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedad/2020-12-06/only-fans-aproxima-milhares-de-jovens-da-prostitu icao-na-america-latina.html> Acesso em 31 out. 2024.

Neste meio, meu campo se baseou em observações em distintos momentos entre setembro de 2022 e março de 2023, em sites de acompanhantes e duas redes sociais, Twitter e Instagram[3]. Também realizei entrevistas com distintos sujeitos que, ou apenas exerciam a atividade de acompanhante, ou apenas produtores de vídeos pornográficos, ou outros que exerciam ambas atividades.

Tais observações consistiram em acompanhamentos e imersões que só podem ser entendidas quando estamos no entremear de redes sociais. Sendo um jovem homossexual, branco e cisgênero nos inícios de seus vinte anos, minha compreensão sobre minhas observações foram intensificadas através de usos pessoais destes meios. Suponho que, à medida em que compartilho de alguns referenciais online, como os conhecidos *memes* e linguagens características de ondas que surgem e se vão no fluxo efêmero das redes, também faço emergir um dos pontos que considero cruciais para o entendimento dessa metamorfose, ou pelo menos de um acomodamento à determinadas linguagens atuais, dos mercados do sexo.

Nesse percurso de observação, digo que a metodologia se constituiu a partir de usos e agenciamentos de mediadores digitais contemporaneamente. Para isso, foi preciso manter uma observação de práticas e usos das redes, suas formas de sociabilidades, interações e de exposição de si. Aqui, entender as ferramentas de aproximação e as políticas de cada 'ambiente'[4], que inevitavelmente se imiscuem no outro, demanda uma própria aproximação que eu tenho com o campo, e no caso específico das redes sociais, existe um atravessamento ainda maior com relação à minha própria percepção destes lócus de investigação (Gilberto Velho, 1978, 2003)

---

[3] A rede social Instagram se popularizou pelo seu uso de imagens publicadas em perfis pessoais, quase como um álbum de fotos. Atualmente, diversificou suas funcionalidades, como publicação de vídeos e possibilidades de realização de *lives*. Twitter,-agora chamado de X, mas ainda sendo referido pelo antigo nome,- por sua vez, é uma rede social, primordialmente, de textos publicados. Em uma de suas características, está o rankeamento de assuntos mais comentados no momento, possibilitando uma conversão de opiniões distintas sobre determinado tema. Além disso, Twitter também apresenta a possibilidade de publicar vídeos e fotos, sendo esta função muito utilizada pelos produtores de conteúdo atualmente, visto que, até o momento, a rede social não censura conteúdos sexualmente explícitos.

[4] Entendo tais lócus de investigação, como sites e redes sociais, como ambientes, pensando que cada uma dessas estruturas mantém uma estabilidade com relação às suas maneiras de alocar as sociabilidades que ali são desenvolvidas pelos seres humanos. Noções similares também são encontradas em Débora Leitão e Laura Gomes (2017)

Em que ser um "nativo digital"[5] baseia minha percepção? Como é possível me distanciar? Mesmo que seja com um perfil profissional, como tentei manter em determinado momento na rede Instagram, uma metodologia considerada característica de metodologias digitais como selecionar *screenshots*[6], ou observar o que acontece sob a tela de celular ou computador, esconde muito do que eu mesmo sinto quando acompanho esses perfis, de como eu reajo a eles quando desbloqueio meu celular e sou influenciado por eles (Ollivia Maria Gonçalves, 2023; Anna Bentes, 2021). A ansiedade característica de ser bombardeado por informações a todo instante me localiza, subjetivamente, fisicamente e emocionalmente, em um constante atrito ao que observo em tela, ao que me é apresentado. '*Matar tempo online*[7]' então, faz emergir uma relação tensa e muito mais subjetiva do que possa parecer.

Apesar de o exercício de distanciamento deva ser feito em certos momentos, suponho que minha localização em campo, com minhas questões teórico-metodológicas e um embaçamento de até onde se localiza um pesquisador e um influenciado é frutífero para entendermos justamente o que está sendo agenciado nos mercados do sexo atualmente, e como. O que tem de geração nesse suposto fenômeno contemporâneo de plataformização/midiatização? Como se apresentam? Como marcadores sociais interferem na forma com que o sexo, em suas diversas facetas, é agenciado? Pensando no caso de homens cisgêneo que estão se mobilizando nesse campo conflituoso entre distintas atividades, como podemos delinear suas agências em determinados ambientes interativos?

Ganhando seus sentidos e possibilidades em uma sociedade em rede (Manuel Castells, 2001), a plataformização diz respeito a propostas econômicas, em sua maioria privadas, que constroem bases e estruturas que possibilitam algum negócio de ser realizado. Isto é, "indicam a institucionalização de intermediários econômicos e culturais, que administram as possibilidades de comunicação, interação e comercialização" (Caminhas, 2020b, p. 7).

Aqui, as empresas que viabilizam a relação entre trabalhador/a e cliente, como a plataforma OnlyFans, devem ser entendidas como agenciadoras de um fenômeno amplo que, ao longo do tempo, vem se

[5] Termo referente a uma geração já imersa na proliferação de dispositivos tecnológicos em seus primeiros anos de vida.
[6] Prints de tela.
[7] O paralelo entre procrastinar em redes sociais e o exercício da etnografia digital é constantemente feito na academia. Aqui, vemos que o trabalho existe até em momentos considerados de descanso.

imiscuindo com as tecnologias de informação. As discussões que envolvem os processos de plataformização dizem respeito, na maioria das vezes, em questões trabalhistas, como possibilidades de negociação e a inevitável relação de subordinação de milhares de trabalhadores/as às lógicas instáveis do mercado econômico.

Apesar de compartilhar dessas inseguranças com relação às possibilidades de regulamentação do trabalho sexual, minhas reflexões vão de encontro ao que Caminhas (2018) chama de midiatização dos mercados do sexo. Esse aspecto de exibição, chamariz de um voyeurismo contemporâneo possibilitado primordialmente pela pornografia gravada no século XX cria essa tensão entre o olhar incessante à uma tela e a possibilidade do toque, instaurando um campo político e subjetivo delicado de ser discutido.

As notas que se seguem devem ser lidas como um emaranhado de relatos que se misturam em observações-participantes, descrições, impressões pessoais e reflexões teórico-metodológicas. A não-separação entre diários, como aponta Florence Weber (2009), apresenta potencialidade analítica em que erros e acertos do pesquisador fogem de uma busca perfeita, a “tese-ovo”[8], sem erros e final. O vaivém teórico-metodológico mostra uma pesquisa por vezes frustrante, cansativa e resistente às minhas indagações. Não acredito que tenha chegado em alguma conclusão, mas minhas perguntas não respondidas podem gerar respostas para futuras pesquisas. Se não é isso, então pode ser aquilo.

As questões que foram se desenrolando no decorrer de minha pesquisa versam sobre a experiência de homens cisgêneros nos mercados do sexo atualmente. Questões clássicas do campo da prostituição masculina, como os tensores libidinais de Néstor Perlongher (1987), dão o tom para a política da diferença que recria hierarquias de desejo e relações de poder. Nesse caso, marcadores sociais são importantes para o exercício do trabalho sexual. Geração, classe, raça e performatividades de gênero (Judith Butler, 2021) complexificam meu campo e minhas análises.

[8] Termo apresentado a mim pela Professora Sônia Maluf em minha banca de defesa.

As performatividades, quando aplicadas às minhas observações online em sites de acompanhantes e redes sociais dizem respeito a certos tipos de masculinidades que recebem destaque em um sistema de hierarquizações entre expressões de gênero e sexualidade, encontrando justamente nos mercado do sexo, através de mediadores digitais ou não, um espectro para suas reiterações constitutivas do "masculino" neste fenômeno.

Olhando em retrospectiva às minhas notas, vejo um desenrolar que, fugindo de respostas estáticas, como "homens nos mercados do sexo apenas performam um tipo de masculinidade exacerbada e hegemônica", entremeiam distintas experiências que tem como motor principal o agenciamento de si para a veiculação de um desejo sexual/homoerótico calcado em tensões nunca resolvidas. Claramente não considero este um esforço inovador, Néstor Perlongher mesmo já nos apresentava as fugas libidinais em um contexto que atava, como uma fita de möbius, violência/perigo e desejo (Maria Filomena Gregori, 2016). Neste campo digital, as diferenças se exacerbam, são midiatizadas, plataformizadas (Caminhas, 2020b). Neste meio, o que se dá é uma proliferação produtiva, de criatividade mesmo, onde os chamados nichos de mercado se multiplicam e a veiculação de si enquanto trabalhador envolve a presença nas redes com suas estruturas características, aqui já levando em consideração também plataformas de comércio erótico/sexual como OnlyFans e Privacy[9].

Em minha dissertação pode-se encontrar entrevistas mais longas e discussões mais variadas que me acometeram durante meu campo etnográfico nas redes. Aqui, destaco impressões, observações e descrições que, ao fim, são análises um tanto 'cruas' em um formato mais alternativo de reflexão teórico-metodológica (Alinne Bonetti, 2010). Desta maneira, decidi estruturar minhas notas em um formato temporal contínuo que segue minhas indagações ao longo dos meses que realizei uma imersão digital mais intensa em certos perfis em redes sociais e sites de acompanhantes.

Para além de entrevistas com interlocutores para aprofundamento de questões, destaco minhas impressões primeiras ao adentrar as redes e ambientes que constituem este universo de pesquisa. O uso de screenshots foi usado para salvaguardar aquilo que foi observado, capaz

[9] Apesar de serem características dessa 'nova onda' de trabalhadoras/es sexuais, não realizei campo em tais plataformas, focando mais em usos de redes abertas sem necessidade de pagamento.

de ser perdido no turbilhão de informações que percorrem não somente os perfis de trabalhadores analisados, mas nas redes sociais em geral.

Me atentei em minha dissertação, e destaco aqui, observações e aprofundamentos que fiz em alguns perfis em redes sociais, analisando comportamentos, lógicas de interação entre sujeitos, a maneira com as quais agenciavam o desejo e erotismo em seus perfis online e a maneira com que davam contorno a uma aparição contemporânea, erotizada e sensual, de uma sexualidade homoerótica masculina cisgênera.

Traço então, seus paralelos, exageros, aproximações e distanciamentos, que, com ajuda posterior de entrevistas semi-estruturadas, me ajudaram a entender melhor as minhas indagações iniciais. A sistematização se deu não somente pelas notas com minhas impressões e perguntas, como as que aqui estão organizadas, mas por um acompanhamento durante meses de perfis em redes sociais, observando a maneira com que evocam o desejo, procuram angariar clientes e se valem de uma lógica interacional, e também comunitária entre eles, das redes sociais atualmente.

Quero que a leitora passe por estas reflexões construídas ‘em tempo real’ durante meu processo de pesquisa com redobrada paciência. Minha intenção é contribuir para futuros estudos sobre gênero e sexualidade, pensando principalmente em questões que envolvem masculinidades, mercados do sexo (Adriana Piscitelli, 2016) e o espaço que as redes ocupam atualmente em ordenamentos de convenções de gênero contemporaneamente, como algumas pesquisas vêm realizado (Daniel Stack, 2022; Rafael Saldanha, 2017).

## Permanências: sites de acompanhantes, masculinidades online e marcadores sociais / Setembro - Outubro

Para esclarecimento, as notas abaixo dizem respeito a perguntas que envolvem uma tensão clássica quando o assunto são homens cisgêneros nos mercados do sexo. A orientação sexual do trabalhador neste campo sempre se tornou motivo de debate (Perlongher, 1987). Pensando em como, atualmente, a sexualidade homossexual encontra campos políticos e subjetivos mais férteis e produtivos para ser

produzida, me indaga: onde fica o escamoteamento de uma homossexualidade negada em um campo agenciado contemporaneamente? Ou as questões que os sites me apresentavam eram de outra ordem?

> Variedade de anúncios. Uns com fotos profissionais, outros com fotos caseiras (o que me interessa mais), outros com nenhuma descrição e fotos que nem mostram o rosto, outros com os perfis 'completos', mais 'tradicionais'. O que isso informa sobre o campo e os possíveis 'tipos' de prostituição? O que, por exemplo, a foto tirada no quarto com o celular implica no imaginário do cliente? Em comparação com campos comuns da prostituição, como saunas e ruas, aqui parece que a variedade é norma. De corpos, mas de idades, 'cores' e performances de gênero/masculinidade. Mas será que existe essa suspensão completa de territórios?

> Nos sites encontro os clássicos garotos: musculosos, reforçando uma masculinidade não só nas fotos mas nas descrições também, com fotos profissionais. No boytoy[10], um segundo site que entrei em contato a partir de uma outra busca online, pelo menos existem 3 categorias. As 'pagas', onde se exige uma mensalidade para se estar no topo de página, estão vazias. Já a gratuita está relativamente cheia de anúncios. Na própria descrição desta categoria encontro um aviso dizendo que ali é para "iniciantes". Os mais 'óbvios' são facilmente identificáveis. Fotos de baixa qualidade, sem muito 'enfeite' estético, pelo menos nos moldes clássicos desse tipo de prostituição de tela. São selfies, fotos nos espelhos, sem muita atenção para a roupa ou necessariamente para uma performance comum em ensaios fotográficos profissionais: com boa iluminação, com um fundo atraente, tensionando os músculos, olhando para a câmera com um desejo lascivo. Entretanto, me chama a atenção por exemplo para garotos mais 'masculinos' segurando cigarros, que suponho ser de maconha em algumas fotos. A posição da câmera, a pose do jovem. Me pergunto onde isso influencia no negócio do desejo. Como se fosse uma autenticidade masculina popular desviante/delinquente.

> Parece que focar em certa faixa etária pode ser suficiente. Focando em aspectos de masculinidade também. Me parece que a performance aqui é interessante. Boys tatuados, magros, 'masculinos' x os mais 'afetados', que não se apoiavam em performances ou signos da masculinidade hegemônica. Na pesquisa, sinto que os mais velhos/profissionais parecem não ter espaço. Sinto que já estão manjados, cientes do negócio, com relativa experiência (presumindo que estejam na prostituição há certo tempo como a própria descrição

[10] Para motivo de comparação, analisei anúncios e perfis de dois sites de acompanhantes no começo de minha pesquisa, *GarotoComLocal* e *boytoy*.

> de alguns supõe). Parece que o campo nos sites me afasta da ideia bem estreita de novos agenciamentos da prostituição (pensando em questões específicas com relação ao campo de Perlongher; michê-gay-homossexualidades etc) e me aproxima de questões mais amplas: como o online reflete o off; como as masculinidades/performances são agenciadas online; não sei se é imperativo focar apenas nas 'novas' prostituições, estas presumidamente contemporâneas pois digitais; mas sim focar nessas novas 'aparições' dela.
>
> Talvez devo focar em novos agenciamentos e em como marcadores sociais influenciam a partir disso; se formos considerar, claro, que eles entraram na prostituição 'recentemente', sem acesso as tais redes dos mercados do sexo que Maria Elvira (2009) fala[11]. Ou novas redes: redes expandidas, redes digitais. Penso em masculinidades off, e como são 'postas' online, como são agenciadas pelos interlocutores; o que muda, o que intensifica, até onde eles tem agência sobre isso? Onde gênero, sexualidade e classe são imbricados aqui? Me sinto procurando extremos de interseções entre noções de masculinidade com raça, classe etc.

## Fluxos digiterritoriais: Produção de conteúdo pornográfico online, primeiras inserções e profissionalização - Novembro-Dezembro

Neste momento da pesquisa me lancei em um fluxo de links que destacam distintos ambientes e distintas lógicas de interação. Aqui já me parecia evidente as ramificações e o alcance possibilitados pelas redes aos mercados do sexo. Destaca-se também a agência individual desses sujeitos, com suas escolhas pessoais e subjetivas ao continuarem trabalhando.

> Os sites me parecem ser uma etapa importante da 'aceitação' do negócio como trabalho. Essa diferença é muito enfatizada. Trabalho x vida pessoal, como João[12] apontou. Foge um pouco da minha noção de 'facilidade' das redes sociais como pode ser imaginado. Não sei o que pensam quem trabalha com outras plataformas como Instagram ou Twitter. Parece que estes últimos são mais recentes, de uma 'nova' geração que já visualiza estas redes como possíveis para o trabalho

[11] Aqui, me refiro a uma rede mais 'tradicional', de contato entre diferentes sujeitos em um mercado com atores específicos em um universo delimitado, como é o caso da pesquisa da autora.
[12] Interlocutor com o qual realizei entrevistas. Todos os nomes aqui são fictícios.

sexual. Prostituição e marketing andam juntas há tempos. Anúncios não são novos (Saldanha, 2010) Apenas os meios mudam e algumas de suas configurações. Formas de se alcançar clientes, que fujam da lógica das ruas, ou territórios, se multiplicaram. Ainda não sei onde existem as diferenças entre eles. No fim, parece que o resultado deve ser sempre o mesmo. Mas preciso entender os significados que cada meio pode ter, qual o simbolismo que cada meio supõe. Onde os sites e redes sociais se desencontram, por exemplo? Seria uma questão geracional? Como essas redes sociais são mobilizadas?

A noção de mercado me parece ser recorrente também. João e Tales mobilizam essas noções. Um disse que o 'mercado era fraco', outro disse que precisava se preparar pro mercado. A noção da profissionalização me parece ser importante aqui. Um mercado regido por lógicas comercializantes próprias. Quem quiser entrar, que se prepare, que se veja como 'produto', como João também destacou. Que ocorra esse reconhecimento de uma arena de trocas comerciais e que se reconheça os 'preparativos' necessários para se adentrar nele. Se você for pioneiro, melhor ainda. Tales entrou no bate papo uol, plataforma de conversas mais antiga, com seu auge nos anos 2000. João disse que foi um dos primeiros a usar os sites. Isso com 16 anos na década de 2010.

Encontrei o contato do Daniel Goiano[13] se anunciando em Palmas, no site BoyToy. Primeiro momento em que as redes se confundiram, sendo explícito o impacto da produção de conteúdo amador no serviço de acompanhante. Daniel Goiano pode ser considerado um dos produtores mais conhecidos do país. Eu mesmo já entrei em contato com alguns de seus vídeos. Acho que melhor que entendermos como a produção dos vídeos online seja usada como argumento positivo para a contratação, deve se imaginar como as performances nos vídeos ensejam uma autenticidade que pode ser consumida, de verdade, realizada presencialmente, a partir da contratação.

O link do onlyfans e de perfis do twitter são presentes até nos anúncios no site. Além do próprio site ter um espaço para 'vídeos amadores de garotos reais'; clicando você é levado a uma área com os perfis habituais dos rapazes, com números de telefone e comentários de clientes.

## Influenciar-se: Imersões e perambulações na rede - Janeiro - Março

[13] Gentílico original. Gentílicos são comumente usados neste campo. Uma adjetivação regionalizada e, por vezes, racializada, que evoca certas noções erotizantes de tais sujeitos, como acontece com 'baiano' ou 'carioca'.

Aqui já me rendi a presença online dos acompanhantes. No perfil de Iago percebo essa representação midiática do acompanhante ao visualizar, em seus destaques[14], a tag “vida de garoto”, onde Iago responde perguntas de seus seguidores sobre sua experiência nos mercados do sexo, como: como começar no ramo?

Pra ser bem sincero? Qual a minha diferença para um cliente? Se eu fosse em uma sauna as aproximações seriam paralelas. Como estou nos sites e redes, me sinto deslizando pra lá e pra cá, clicando em links pra lá e pra cá, entrando em tantos perfis quanto forem possíveis, salvando contatos e contatos e mandando mensagens pelo whatsapp.

O que me chama atenção atualmente são os perfis dos criadores de conteúdo digital. Se você segue um, acaba seguindo outros. Alguns realizam os ‘feats’, as participações conjuntas nas gravações amadoras, usando o instagram para promover os filmes. Iago usa do twitter e do instagram para interagir com os seguidores e é bem prolífico nessas redes sociais. Novamente, me pergunto das redes do sexo atuais e qual o uso que certos sujeitos estão fazendo dela. Como a criação de conteúdos online, tão difundida atualmente, pelo menos entre gerações mais jovens, se tornou uma possibilidade que, obviamente, acarreta julgamentos, mas talvez entre nesse embalo de uma sexualidade contemporânea mais livre, exposta, com facilidade de reprodução e com retornos financeiros claros e, orgulhosamente, mostrados em redes sociais.

Pensando nas minhas inserções online. Como não me desvencilhar totalmente dos meus perfis das redes que tenho há tanto tempo, no caso do Instagram pelo menos. Alterei minha bio, arquivei algumas fotos, tudo pra tentar passar uma imagem mais séria, e também apelativa para quem sigo. Não que algum deles tenha interesse em ver, mas a alteração segue também alguns critérios éticos de transparência, assim como para perceberem a minha presença como de alguém que está “observando”, sem a antropologia stalker que sinto que faço no Twitter. Ali me sinto como apenas um de tantos outros que “consomem” seus conteúdos. Penso que se para me tornar nativo em determinada comunidade devo me adentrar nas suas lógicas de interação, então qual outro caminho se não me manter ali,

[14] Ferramenta, ainda disponível, da rede social Instagram onde são destacadas publicações feitas nos *stories*. Esta, sendo outra ferramenta possível, mas que mantém uma duração de visualização padrão de um dia.

sendo um “seguidor” e consumindo suas publicações? Se estamos falando de “influencers” então que sejamos influenciados.

## Consumações subjetivas e novas experiências com os mercados do sexo: rastros finais de um campo que está longe, mas também perto

Segui perfis que anteriormente ao campo não seguia, mas passou pela minha cabeça a ideia de continuar seguindo porque são bonitos. O feed deles me agrada. Eles me agradam. É um geração *instagrammer*, que compartilham de referenciais meus também. Alguns perfis começaram a me seguir após ter aberto meu instagram. Inclusive um perfil fechado de um possível produtor de conteúdo também.

Engatei conversas com alguns interlocutores. Tom por Whatsapp, Domênico e Renato pelo Instagram.

Tom e Renato são amigos e podem ser considerados a “velha guarda”. Em uma publicação do Instagram, Renato disse ter voltado à pornografia e também a ser acompanhante por estar presenciando uma “mudança” nesse meio. Domênico, ao contrário, é mais jovem e está em São Paulo somente para fazer parcerias. Ao perguntar para Domênico se a construção de um perfil no instagram pode se tornar mais maleável nas mãos de uma geração mais jovem, me responde que sim pois “é algo que está chegando agora”. Acredito que em Domênico reside os tensores que acredito serem principais para pensar os mercados do sexo atualmente. Como me disse, ele estuda o “marketing” do meio. Quer ser a “anitta do pornô brasileiro”. Tem uma meta bem estabelecida e está perseguindo seus sonhos. Eu acredito que talvez consiga. Tem todos os elementos necessários. É jovem, bonito seguindo alguns padrões normativos, sabe da importância das plataformas, usa de estratégias atuais para ascender no pornô atualmente, como a viagem para SP demonstra.

Enquanto sigo vários perfis que não costumava seguir antes, comecei a me acostumar com a presença desses sujeitos em meu feed. Em suas fotos, às vezes paro para olhar alguns comentários pra ter a certeza de encontrar alguns tipos clássicos dos “fãs”, dos apreciadores. É muito fácil passar direto por essas publicações. Sinto que toda vez o campo se faz presente ali. A sistematização se faz necessária neste sentido. Uma organização mais direta da coisa, mas ainda sigo esses outros perfis que não acompanho tão de perto assim

> como se meu campo estivesse presente, disponível e online a qualquer momento. Confesso que alguns eu até curto as fotos, às vezes como tentativa de lembrá-los que estou “observando”, ou para me fazer visto, ou, em último caso, porque gostei do conteúdo. Seja porque achei seus corpos bonitos, seja porque aquela publicação me deixou inquieto, me fez reacender questões de campo, me encheu de perguntas. Aqui, o like fica próximo ao botão de salvar conteúdo, para me voltar a ele quando sentir necessidade. Essas ferramentas são de bom uso.

> Vendo um vídeo amador do “Monstro mineiro”, que sigo no instagram. Isso no site pessoal dele. Com seu próprio url. O vídeo é uma amostra gratuita de 30 segundos. São 4 homens, o mineiro está agachado frente os outros 3 que estão de pé, com suas bermudas abaixadas e pênis eretos. Um deles, que está gravando, sob a perspectiva ‘de cima’, diz: Esse que vai pro Twitter... o primeiro que vai pro Twitter.
>
> Outro sujeito da cena pergunta: É foto ou vídeo isso daí? Quem grava diz: Os dois! A gente grava, depois tira foto!

## Considerações finais

Nas últimas semanas do meu campo, justamente quando estava já abarcado na lógica interacional mobilizada por estes sujeitos, precisei me afastar para escrever minha dissertação e refletir sobre a pesquisa. Como um distanciamento necessário para digerir o que estava observando/consumindo, deixei de seguir esses perfis e interrompi minhas entrevistas, apesar de ainda sentir que faltava um caminho para dar conta da complexidade deste fenômeno.

Poderia abordar o encontro entre os mercados do sexo e a internet de distintas formas, por distintas disciplinas ou aportes teóricos, ou focar em alguma atividade específica, e evitar tensões conceituais e de categorizações. Entretanto, o que me foi apresentado durante minhas observações e entrevistas revelou um campo muito mais complexo e denso. Observar ‘panoramicamente’ os mercados do sexo nesse sentido me permitiu lançar luz à algumas de suas configurações atuais.

Minha intenção foi a de trazer reflexões clássicas do campo, que para minhas perguntas tiveram sua semente lá na década de 1980 com

Néstor Perlongher, e refletir como atualmente essas experiências foram transformadas e reconfiguradas levando em conta a mudança do tempo e as produções de sentidos que são afetadas.

Espero que a leitora interessada nas discussões sobre mercados do sexo na contemporaneidade tenha tido um vislumbre de algumas das conexões possíveis de serem realizadas quando pensamos em mídias e a troca comercial entre sexo e dinheiro.

Longe de querer borrar as distinções entre distintas atividades, coisa que termos como mercados do sexo e trabalhador/a sexual pode sugerir em certos momentos, minha intenção é justamente lançar luz sobre as possibilidades de diversas práticas que aproximam, em maior ou menor grau, dinheiro e sexo, ou sua representação nas telas, como em filmes/vídeos pornográficos.

Novamente, a diluição entre estas fronteiras digitais presentes no meu campo de pesquisa são sintomáticas, afinal, de todo um esquema de estruturação dos mercados do sexo contemporaneamente que carregam em si um amálgama entre práticas que, ao fim, estão intrinsecamente atadas entre si: exposição, performatividades de gênero e sexualidade (Butler, 2021) e circulação de dinheiro.

A experiência de contar sobre si mesmo, ou de se expor nas redes, como exposto por um interlocutor durante minha pesquisa, levanta questões caras às discussões alarmantes sobre o impacto, aqui pensado como negativo, da internet sobre a sexualidade de alguns sujeitos. A imiscuidade entre trabalho sexual, seja existindo contato físico com cliente ou não, e redes digitais faz emergir justamente o potencial plástico de formas de expor sua sexualidade. E as maneiras são diversas.

Uso de ferramentas online, construção imagética e performática de si, diluição e multiplicação de sentidos eróticos sobre determinados corpos, ou o reforço de alguns padrões de desejo, fazem parte de um campo denso e sempre em contestação dos mercados do sexo. Essa midiatização ou plataformização (Caminhas, 2018), longe de abafar sentidos clássicos do trabalho sexual “presencial’, faz uma sobreposição de sentidos entre distintas experiências que são levadas a cabo quando se decide aventurar por esses caminhos que veiculam desejos e dinheiro.

O que me parece ocorrer é uma rearticulação política que desdobra simbolismos que reforçam desigualdades, mas que ao mesmo tempo dão possibilidades de novos agenciamentos surgirem. Nichos de mercado, que articulam marcadores sociais da diferença, extrapolam um senso

pessimista de ‘venda do próprio corpo pela internet’ para trazer à tona quais conflitos são travados nesse fenômeno atualmente e quais seus termos.

As reconfigurações entre os mercados do sexo e seus meios de veiculação, da rua ao jornal à internet, sublinham distintas potencialidades que produzem novas subjetividades e possibilitam outros tipos de agenciamentos pessoais contemporaneamente.

Esta pesquisa se localiza neste tempo e espaço, na segunda década do século XXI. As mudanças ocorrem com a mesma velocidade que novas redes sociais e plataformas vão surgindo, novas linguagens possíveis são articuladas e novas subjetividades vão ganhando sentido e espaço.

Acredito que acompanhar essas transformações ‘de perto’, compartilhando de alguns simbolismos desses sujeitos que se propõe a agenciar suas sexualidades pensando em retornos monetários na internet possa servir para pesquisas futuras que considerem quais os encontros, e também desencontros, possíveis quando pensamos no fenômeno dos mercados do sexo.

## Referências

ALAMAN, Jônatas PASSAMANI, Guilherme. Marcas da ‘brasilidade’: negociações em torno de gênero, sexualidade e cor em Portugal. Sexualidad, Salud y Sociedad, 2021.

ALAMAN, Jônatas; PASSAMANI, Guilherme; ROSA, Marcelo Victor. Escorts brasileiros em um site português de acompanhantes: estratégias, tensionamentos e relações de poder. Etnográfica, v.26, n.3, 2022.

ALAMAN, Jônatas. Homens nos mercados do sexo online: marcadores sociais, experimentações, diferenciações e (im)permanências. 2023. 138f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)—Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BARRETO, Victor. Vamos fazer uma sacanagem gostosa? Uma etnografia da prostituição masculina carioca. Niterói: Eduff, 2017.
BARRETO, Victor. Os novos territórios da prostituição masculina. In: OLIVEIRA, Thiago (org.). Homens nos mercados do sexo: reflexões sobre agentes, espaços e políticas. Salvador: Editora Devires, 2019. p. 77-102.

BONETTI, Alinne. O rei está nu! O diário de campo cru e a exposição das etnógrafas. In: SCHUCH, Patrice; VIEIRA, Miriam Steffen e PETERS, Roberta (org.). Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

CAMINHAS, Lorena. A midiatização dos mercados do sexo e a configuração da experiência erótica mediada. Galaxia, n.37, p. 162-174, 2018.

CAMINHAS, Lorena. Camgirls em face dos mercados do sexo. In: _____. Webcamming erótico comercial no contexto brasileiro: organização, estruturação e dinâmicas internas. 2020a. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)—Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CAMINHAS, Lorena. Plataformas digitais e a reestruturação dos mercados erótico-sexuais brasileiros. In: 44° ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2020b. Trabalho apresentado no GT 40 - Sociedade e Vida Econômica.

CASTELLS, Manuel. Comunidades virtuais ou sociedade de rede?. IN: Castells, Manuel. A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Oxford University Press, 2001.

CONNELL, Robert [Raewyn]; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Estudos Feministas, v.21, n.1, 2013.

DÍAZ-BENITEZ, Maria. Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social)—Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GREGORI, Maria Filomena. Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HENNING, Carlos. As diferenças na diferença: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidades em bares e boates GLS de Florianópolis, SC. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)—Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

JESUS, José Wellington de. Entre ruas e redes: transformações e significados da prostituição masculina em Aracaju-SE. 2021. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)—Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

LEITÃO, Débora K.; GOMES, Laura G. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia, v.42, n.1, p. 41-65, 2017.

MISKOLCI, Richard. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. Estudos Feministas, v.21, n.1, 2013.

OLIVEIRA, Thiago. Engenharia Erótica, Arquitetura dos Prazeres: cartografias da pegação em João Pessoa, Paraíba. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia)—Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

PERLONGHER, Néstor. O negócio do michê: a prostituição viril. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PINHO, Osmundo. A guerra dos mundos homossexuais: resistência e contra-hegemonias de raça e gênero. In: RIOS, Luis Felipe; et al. (orgs.).

Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 127-135.
PISCITELLI, Adriana. Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas: novas questões conceituais. Cadernos Pagu, v.47, 2016.

RODRIGUEZ, Shay de Los Santos. “Vejam-me: disse o corpo”: a educação dos corpos trans e das pornificações transmasculinas. 2021, Rio Grande, 265f. (Dissertação em Educação), Universidade Federal do Rio Grande.

SALDANHA, Rafael. Classificados e o sexo: anúncios de prostituição masculina em SC (1986-2005). 2010. 200f. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SALDANHA, Rafael. Você só precisa clicar: sexo virtual e masculinidades refletidas pelas webcams. 2017. 300f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas)—Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SANTOS, Renato Caio Silva. Segredo dos corpos nus: masculinidades, corpolatria e significados da prostituição entre garotos de programa de luxo. 2019. Tese (Doutorado em Saúde Pública)—Universidade de São Paulo, São Paulo.

STACK, Daniel. “Tudo começa na internet”? Homossexualidades em contextos interioranos no Rio Grande do Sul. 2022, Santa Maria. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal de Santa Maria.

TENÓRIO, Leonardo. Uma experiência de trabalho sexual sendo homem trans e outros temas sobre prostituição. In: DONINI, Angela [et. al.]. Puta livro [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Ed. da Autora, 2022.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: _____. Individualismo e Cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 123-132.

VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (orgs.). Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 11-19.

WEBER, Florence. A entrevista na pesquisa e o íntimo, ou: Por que censurar seu diário de campo? Horizontes Antropológicos, n.32, 2009.

## Resumo em segunda língua

Resumo (inglês, Francês ou Espanhol):

This essay is made of theoretical and methodological notes from observations within digital spaces that converge with contemporary practices of sexual work, carried out by cisgender men. My intention is to present the paths taken by me when seeking to understand the uses and strategies of these men in the contemporary sex markets. I therefore present reflections from my field diaries that deal with the presence of these subjects on social networks and escort sites and the way they use these digital mediators. I then seek to shed light on the possible intersections between such phenomena and the political tensions resulting from the processes of accommodating sex markets to digital media today.

Palavras-chave (inglês, Francês ou Espanhol): Online sex markets. Cisgender men. Digital ethnography. Differentiation politics.

***Jônatas STRITAR ALAMAN***

*Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre pelo mesmo programa e membro do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS). Graduado no curso de Ciências Sociais (Bacharelado) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Foi membro do Núcleo de Estudos Néstor Perlongher - Cidade, Geração e Sexualidade (CNPq/UFMS), e bolsista PIBIC/CNPq 2019-2020, trabalhando os seguintes temas de pesquisa: Prostituição em Portugal e trânsitos internacionais de brasileiros. Tem experiência na área de Antropologia, com especial interesse nos campos da Antropologia da arte, urbana e audiovisual, como também debate, em suas pesquisas e publicações, temas envolvendo gênero, sexualidade, erotismo e mercados do sexo. Atualmente pesquisa movimentações políticas e identitárias contemporâneas a partir de propostas de mercados segmentados no ramo turístico.*

*Recebido em: 15/11/2024*

*Aprovado em: 15/01/2025*